

## O ESPAÇO DA LITERATURA NEGRO BRASILEIRA PARA A INFÂNCIA E JUVENTUDE EM CONTEXTO DE ESCOLA PÚBLICA

### THE SPACE OF BLACK BRAZILIAN LITERATURE FOR CHILDREN AND YOUTH IN A PUBLIC SCHOOL

Poliana Bernabé Leonardeli

Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)  
[pleonardeli@gmail.com](mailto:pleonardeli@gmail.com)

Yasmin Nossa Dias

Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Ensino Superior de Linhares (FACELI)  
[poliana.leonardeli@faceli.edu.br](mailto:poliana.leonardeli@faceli.edu.br)

17

---

**Resumo:** Este trabalho analisa o acervo de uma biblioteca de escola pública estadual, em busca de verificar a proporção de obras literárias negro brasileiras presentes nesse espaço. A pesquisa também investiga a expectativa docente em relação a esse acervo em espaço escolar e a postura desses sujeitos em face ao trabalho com literatura negra em sala. A pesquisa exploratória de caráter qualitativo, subdivide-se em pesquisa bibliográfica e de campo. Inicialmente são abordadas obras teóricas acerca da literatura negro brasileira em face aos espaços pedagógicos. Posteriormente, faz-se uma análise da coleta de dados, decorrente de um questionário respondido pela gestora e pelos professores de Língua Portuguesa da escola e da observação da biblioteca da mesma instituição. De seis professores que receberam o questionário, apenas três responderam. Com as informações que se obteve dos participantes da pesquisa, concluiu-se que esses profissionais desconhecem autores negros nacionais, não frequentam a biblioteca escolar e utilizam, de modo muito limitado, textos do gênero literatura negro brasileira em sala. Por outro lado, o acervo da biblioteca possui acervo limitadíssimo no que se refere a obras pertencentes à literatura negra nacional.

**Palavras-chave:** Biblioteca. Literatura negro brasileira. Infância e Juventude.

**Abstract:** This paper analyzes the library collection of a town public school, in order to verify the percentage of black Brazilian literary works destined for students and the teaching perspective in relation to this collection in a school space. The exploratory research of qualitative character is subdivided into bibliographic and field research. Initially, several theoretical works about black Brazilian literature are approached in the face of pedagogical spaces. Subsequently, an analysis is made of the data collection, resulting from a questionnaire answered by the Portuguese Language teachers of the researched school and from the observation of the library of the same institution. Of the six teachers who received the questionnaire, only three responded. With the information obtained from the participants, it was concluded that the teachers are unaware of a good part of the black national authors, do not frequent the library, and use texts of the genre in a very limited way in the classroom. On the other view, the library's collection has a very limited collection with regard to works belonging to national black literature.

**Key-words:** Library. Black Literature collection. Childish and Young

---

## Building the way

### Considerações iniciais

18

No Brasil, os indivíduos encontram-se imersos em uma estrutura racista desde muito cedo, pois lhes é inculcada uma série de valores e estereótipos negativos sobre o negro e sua cultura em diversos âmbitos de convivência. Por ter sido uma criança negra e vivenciado muito pouco a cultura negra em espaço escolar - e compreender que esse silenciamento sobre os valores da cultura africana também é parte do itinerário de construção do racismo - escolhi esse assunto a fim de demonstrar, por pesquisa, a escassez de literatura negro brasileira nos acervos de uma escola de Educação Pública Estadual, localizada na cidade de Linhares – E.S, bem como o pouco contato dos alunos matriculados nessa instituição com literaturas desse gênero em sala de aula.

Quando pequena, lembro-me de apenas ter tido contato com um livro, cuja personagem era negra como eu: *Menina bonita do laço de fita* (1986)<sup>1</sup>, de Ana Maria Machado. Lembro-me da alegria de ler esta história: que representava positivamente as características físicas de uma menina afrodescendente como eu. Finalmente me via representada em uma produção literária. Atualmente trabalho em turma de 1º período na Educação Infantil e observo a situação que vivenciei repetindo-se: livros infantis, em grande maioria, com personagens brancas e, raramente, uma história com personagens negras.

A literatura negra brasileira ainda é pouco expressiva em espaços escolares, apesar da Lei 10.639/03<sup>2</sup> obrigar as escolas de Ensino Fundamental e Médio a ensinarem sobre história e cultura afro-brasileira. Os poucos autores que escrevem histórias com personagens negras, como protagonistas, não são tão conhecidos como os autores brancos e acabam não tendo a atenção especial dos leitores. Quando o livro possui personagens negras, essas geralmente aparecem caricaturadas, assumindo estereótipos vinculados ao racismo, como o negro ignorante ou o negro vilão.

As escolas parecem não se preocupar com a temática e limitam o trabalho com a literatura na infância a histórias de caráter eurocêntrico. Livros que enaltecem

---

<sup>1</sup> A história de **Menina bonita** (Ana Maria Machado) fala de uma **menina** negra de **fitas** no cabelo que, devido a sua beleza, despertou a admiração de um coelho branco, que desejava ter uma filha pretinha como ela.

<sup>2</sup> [L10639 \(planalto.gov.br\)](http://L10639.planalto.gov.br)

### Building the way

a pele negra, que valorizam a cultura afro-brasileira, que tratam de questões relacionadas à pluralidade religiosa ficam relegados nesses espaços.

À vista disso, as bibliotecas escolares precisam ser equipadas com livros da literatura negra brasileira, pois boa parte das crianças matriculadas na Educação Básica, principalmente em instituições localizadas em bairros periféricos, como a escola onde a pesquisa foi aplicada, pertencem a essa compleição. A biblioteca é tão importante para a formação do aluno quanto à sala de aula. Ambas são essenciais no ambiente escolar e na formação leitora do aluno. A leitura precisa ser vista pela criança como uma atividade prazerosa e, para tal, esta necessita sentir-se representada nos enredos, haja vista isso facilitar o encontro do leitor com o livro.

Considerando-se essas inquietações, surgiu a problemática desta pesquisa: Como a literatura negra brasileira apresenta-se no acervo de uma biblioteca escolar estadual, vinculada à Secretaria Estadual de Educação do Espírito Santo, e como esses textos são explorados, pelos professores de Língua Portuguesa, em sala de aula?

À procura de responder essa problemática, a pesquisa exploratória, de caráter qualitativo, divide-se em análise bibliográfica e estudo de campo. Para o alcance do resultado, serão feitas leituras em referenciais que tratam da temática, bem como investigação do acervo da biblioteca de uma escola pública estadual, assim como análise de questionário, respondido por professores de Língua Portuguesa e pela gestora da instituição onde a pesquisa se concentra.

Para contribuir com os objetivos do projeto, optou-se por se utilizar a entrevista estruturada como instrumento de pesquisa. Pretende-se consultar os professores de Língua Portuguesa, o responsável pela biblioteca (se houver) e o gestor escolar a fim de esclarecer questões relacionadas a critérios para aquisição de livros da biblioteca, quantidade de acervo e características raciais dos alunos matriculados na instituição. Um questionário será aplicado aos professores, através da plataforma Google *Forms*, para compreender sobre o acesso dos docentes aos livros e se há livros de temática negro brasileira no acervo da biblioteca. A coleta de dados será feita no ambiente escolar, de acordo com a preferência e disponibilidade dos entrevistados. Os dados serão analisados à luz da fundamentação teórica apresentada ao longo do texto.

**O negro na literatura nacional**

20

A literatura nacional “reflete, nas suas ausências, talvez ainda mais do que naquilo que expressa, algumas das características centrais da sociedade brasileira” (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 54). A citação de Regina Dalcastagnè, que faz parte de um estudo quantitativo sobre as relações raciais na literatura nacional, aponta que é imanente, no país, o silenciamento aos discursos de grupos marginalizados, que persiste, inclusive, nos espaços tradicionalmente transgressores da ordem vigente, como os artísticos. Assim, depreende-se que o texto literário é o “espaço onde se constroem e se validam representações do mundo social, mas é também um dos terrenos em que são reproduzidas e perpetuadas determinadas representações sociais” (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 56).

No que tange à questão racial, em específico, a análise da história da literatura brasileira comprova que houve, nesse âmbito, seja em relação aos seus autores ou aos seus críticos, uma forte alienação aos discursos de ordem colonialista (DALCASTAGNÈ, 2005), seja na economia de representações da cultura negra, seja estereotipando nas narrativas essas representações, bem como submetendo obras de autoria negra a análises simplórias. Isso decorreu, em grande parte, de uma percepção discriminatória, construída sobre a cultura dos povos colonizados.

Abdias Nascimento aponta o caráter não aleatório desse processo de rebaixamento e/ou ocultação da cultura negra nos ambientes acadêmicos, ao afirmar que a elite nacional conseguiu vários benefícios com essa postura, como “aliviar a consciência de culpa dos descendentes escravocratas, que ainda conduzem os rumos do país, ao mesmo tempo que se tentou eliminar a identidade original do povo negro, o que resultaria na erradicação da personalidade africana” (NASCIMENTO, 2002, p. 113). As vozes teóricas dessa classe – historiadores, cientistas sociais, literatos, educadores, e outros afins – formaram, desse modo, “uma forte aliança a qual tem exercido, há séculos, a prática e a teoria da exploração dos africanos e seus descendentes no Brasil” (NASCIMENTO, 2002, p. 116).

Esse processo de sujeição cultural dos africanos e sua descendência, conduzido por uma minoria de caráter europeu adentrou-se pelo discurso artístico-literário de modo tão agressivo ao longo dos últimos séculos que os preconceitos e as discriminações de caráter racial, ali sedimentados, acabaram por consolidar certos dogmas acerca dos negros e de sua identidade, que resultaram em grande prejuízo

### Building the way

para a comunidade de origem africana em diversos contextos nacionais (NASCIMENTO, 2002). Se considerarmos que “Literatura é poder, poder de convencimento, de alimentar o imaginário, fonte inspiradora do pensamento e da ação” (CUTI, 2010, p. 12), e que em boa parte do cânone nacional o negro é posicionado em situação inferior ao branco, perceberemos o quanto a arte literária ainda “precisa de forte antídoto contra o racismo nela entranhado” (CUTI, 2010, p. 13).

No Brasil, o discurso de rebaixamento da cultura africana em relação aos conhecimentos advindos da cultura branca europeia, acabou sendo disseminado com intensa rapidez desde os primeiros anos de colonização e ainda ressoa com muita força na produção cultural contemporânea, pois:

...se as conquistas da população negro-brasileira são minimizadas é porque o propósito de um Brasil exclusivamente branco continua sobrepunando as mentes que comandam a nação nas diversas instâncias do poder. Os maiores problemas que o país enfrenta hoje foram plantados ontem e seus cultivadores deixaram uma legião de descendentes e seguidores” (CUTI, 2010, p. 13)

Segundo Dalcastagnè (2005), corroborando com Cuti (2010), a figura do negro na literatura brasileira convergiu para o tratamento do negro no contexto social, sendo assim, a marginalização marcou a representação da raça na literatura. Dois posicionamentos bem claros podem ser distinguidos acerca da representação dos negros em textos literários: “a condição negra como objeto, numa visão distanciada, e o negro como sujeito, numa atitude compromissada. Tem-se, desse modo, literatura sobre o negro, de um lado, e literatura do negro, de outro” (PROENÇA FILHO, 2004, p. 17).

Enquanto objeto, o negro seria personagem, representado a partir de ideologias, atitudes e estereótipos da estética branca dominante. Esse tipo de representação já pode ser vista em textos do período colonial. Em uma análise mais genérica, no Brasil, durante os quatro primeiros séculos, escritores “ficaram à mercê das letras lusas. A crítica obedecia aos pressupostos do padrão de escrever da metrópole e, por esse, viés valorizava ou desqualificava as obras” (CUTI, 2010, p. 14).

Desse modo, ao longo dos primeiros séculos de colonização, a figura do negro continuou imersa nos estereótipos colonialistas, sendo, portanto, coisificado quando representado no espaço literário, assim como ocorria a esses indivíduos na sociedade. David Brookshaw, em seu livro *Raça e cor na literatura brasileira*, 1983, v. 12, n. 1

### Building the way

analisa que os negros foram representados na literatura por meio de estereótipos, os quais podem ser nomeados e descritos, sendo os mais evidentes, o do escravo nobre, o do negro infantilizado, o do escravo demônio, o do negro pervertido, o do negro erotizado e o do negro vítima.

No artigo *A trajetória do negro na literatura brasileira* (2004) de Domício Proença Filho, o autor exemplifica esses perfis a partir de algumas personagens negras da literatura, utilizando-se dos estudos de Brookshaw. À exceção de poucas representações, como em Castro Alves, cujo negro vítima acaba por suscitar reflexões sobre a condição do escravizado, o que de acordo com Antônio Cândido garante ao negro um espaço quando esse sujeito vivenciava “a realidade degradante, sem categoria de arte, sem lenda histórica”. Cândido ainda afirma que a obra de Castro Alves foi em parte “um poderoso libelo contra a escravidão, pois ele assumiu posição de luta e contribuiu para a causa que procurava servir” (CÂNDIDO, 2010, p. 78). Todavia, em toda a maioria, a representação do negro na literatura nacional vai ao encontro do discurso colonialista de deslegitimação das culturas alheias à europeia-estadunidense.

No que se refere ao período pós-abolição, quando a violência contra negros se reinventa, pois estes encontram-se agora imersos em outra categoria de capital, na qual seu trabalho será espoliado em outro contexto, dentre os recursos discursivos utilizados pela elite teórica para a sujeição da cultura negra, destaca-se a tentativa do apagamento da história da escravidão, que perpassa por atos violentos como a queima dos aparelhos de tortura ou dos documentos oficiais de compra e venda de escravizados a fim de dificultar o resgate à memória histórica, e também por movimentos simbólicos de ataques à cultura religiosa e artística de ascendência africana, por meio da mistificação em torno do Candomblé, da Umbanda e demais ritos associados à África, bem como da arte negra, da dança à literatura (NASCIMENTO, 2002).

Apesar das novas roupagens com que se transveste o discurso de sujeição do negro, é nesse período que, no meio literário, surgem vozes que buscam constituir uma literatura negra<sup>3</sup>. Esse processo, todavia, será entremeado pela contínua presença da figura do negro como objeto. Assim, serão comuns as

---

<sup>3</sup> É a produção literária na qual o sujeito da escrita é o próprio **negro**, principalmente em países dominados pela cultura do branco e que receberam imigrações forçadas pelo regime de escravidão, como o Brasil.

### Building the way

divergências representativas sobre esse elemento a partir do século XX. Ora haverá uma continuidade dos estereótipos representativos do negro, agora também inseridos nos meios de comunicação e massa, ora autores negros produzirão narrativas literárias genuínas sobre a realidade que constitui esta nação. Sobre a presença de valores discriminatórios no espaço cultural:

23

A discriminação se faz presente no ato da produção cultural, inclusive na produção literária. Quando o escritor produz seu texto, manipula seu acervo de memória onde habitam seus preconceitos. É assim que se dá um círculo vicioso que alimenta os preconceitos já existentes. As rupturas desse círculo têm sido realizadas principalmente pelas suas próprias vítimas e por aqueles que não se negam a repetir profundamente acerca das relações raciais no Brasil (CUTI, 2010, p. 24)

Segundo o trecho, a despeito das dificuldades que autores negros enfrentam para publicar sua obra, essa literatura compõe uma vertente da literatura brasileira que traz em seu bojo um questionamento da organização social do país e um posicionamento oriundo de “uma subjetividade coletiva fundamentada no sujeito étnico do discurso” (CUTI, 2010, p. 11). Todavia, esses textos ainda não foram acolhidos pelo cânone, uma vez que esse ainda está imerso em valores marcadamente coloniais. Por isso, a consolidação em torno desses textos e seus autores origina-se de uma mudança em toda a perspectiva social, haja vista que, “nos países de formação colonial, em que a divisão em classes foi acentuada, o acesso ao conhecimento ficou vedado a todos os que concorriam com o trabalho, infamado, em muitos casos, pelo regime servil. (SODRÉ, p. 445). Dito isso:

a formação de um escritor é muito cara, pois envolve educação formal (escola) e informal (cursos paralelos de idiomas, redação, autodidatismo etc.), vemos que o desenvolvimento da literatura negro-brasileira necessitou e necessita que a população, cuja subjetividade é o fator fundamental daquela vertente, elabore a sua ascensão social. (CUTI, 2010, p. 1)

Por isso, o desafio de instituir no cânone a literatura de autores negros de modo que possa ser-lhes dada a atenção necessária, seja no que se refere à análise dessas produções, sua publicação e relevância perante o público, ou mesmo a inclusão dessas obras em manuais literários, perpassa pelos desafios sócio históricos,

### **Building the way**

advindos do modo de operação da prática capitalista burguesa, a qual continua a rebaixar e marginalizar populações e suas culturas mesmo que por vias mais subliminares.

É necessário lembrar que todo o sistema político, social e econômico, no qual se assenta a sociedade brasileira, se ergueu sobre valores coloniais, no qual a escravidão foi uma das estruturas. De algum modo, todos estão vinculados a esta herança: como opressor, como oprimido, ou como opressor e ao mesmo tempo oprimido.

24

### **Literatura infantil e juvenil negro brasileira – Alguns marcos**

A literatura infantil e juvenil surge como gênero literário no final do século XIX, em decorrência da Revolução Burguesa, quando novos valores comportamentais eclodem e uma nova configuração familiar começa a se estabelecer na sociedade: o modelo patriarcal, que priorizava a educação formal da prole (BARREIROS, 2009)

No Brasil, o processo de formação de uma literatura infantil e juvenil nacional foi mais lento se comparado à Europa. Para exemplificar, as primeiras edições brasileiras voltadas ao público infantil e juvenil tiveram grande influência europeia, sendo as narrativas nacionais apenas adaptadas à linguagem brasileira. A tradução de João Ribeiro e Olavo Bilac para Cuore de Wilhelm Bush<sup>4</sup>, em 1910, correspondem aos primeiros textos que buscam atingir esse público (COELHO, 2000).

Todavia, apenas crianças da elite eram representadas nesses textos, pois a literatura infantil foi um produto oriundo da ascensão da burguesia e refletia tão somente os valores dessa classe (SILVA; SILVA, 2011). Além disso, o índice de analfabetismo, em 1890, “era de 82,6%; em 1900, caiu para 69,4%; em 1920, foi a 71,2%” (FERRAR), 2009, p. 67). Essa situação atingia, sobretudo, as classes marginalizadas, que não tinham acesso a direitos básicos, incluindo o acesso ao ensino formal.

Segundo Silva e Silva (2011) as preocupações, até o momento, eram relacionadas ao status burguês e à manutenção de uma versão idealizada de um Brasil equilibrado, moralista, cujos filhos e famílias bem constituídas, teriam livros e

---

<sup>4</sup> Heinrich Christian Wilhelm Busch (Wiedensahl, 15 de abril de 1832 — Mechtshausen, 9 de janeiro de 1908) foi um influente poeta, pintor e caricaturista alemão, famoso pelas suas histórias satíricas ilustradas com textos em verso.

### Building the way

escolas que reforçassem esse padrão europeu de sucesso. As crianças pobres ficaram invisíveis, principalmente as negras, que só ganharam vez e voz literárias ao final do século XX, quando novas identidades culturais de classe, etnia e nacionalidade, começaram a ser discutidas academicamente.

Segundo Brookshaw (apud Castilho 2004) a figura do negro na literatura brasileira anterior a 1850, antes da abolição do tráfico de escravos, era inexistente de um ponto de vista genuíno. Dois fatores justificam essa inexpressividade: O primeiro diz respeito aos discursos época, que não consideravam os negros como seres humanos. O segundo é em relação ao público leitor. Os escritores precisavam de apoio dos senhores de escravos. Suely Dulce de Castilho aponta que os escritores "estavam do lado dos opressores e não poderiam dar atenção aos oprimidos". (CASTILHO, 2004, p. 104.). Além disso, os negros não eram letrados, sendo pouquíssimos os casos de exceção à regra, portanto, não havia preocupação no sentido de escrever a uma população que não consumiria produções literárias. Em *Formação da Literatura Brasileira*, Sodré aponta a razão desse processo discriminatório ecoar nos meios literários. Segundo o autor:

O negro não podia ser tomado como assunto, e muito menos como herói, não porque, segundo escreveu um estudioso moderno, refletindo a ideia generalizada de sua classe, fosse submisso, passivo, conformado, em vez de altivo, corajoso, orgulhoso, dado que não podia ser senão assim, submetido que estava ao regime de escravidão - mas porque representava a última camada social, aquela que só podia oferecer o trabalho e para isso era até compelida. Numa sociedade escravocrata, honrar o negro, valorizar o negro, teria representado uma heresia. (SODRÉ, 1974, p. 257)

Com a abolição dos escravos, em 1888, surge a primeira personagem negra, em *A escrava Isaura (1875)*, do escritor romântico Bernardo Guimarães. Entretanto, para não chocar os cidadãos da época, o escritor mineiro embranqueceu-a, como se vê no trecho: "a tez era como o marfim do teclado, alva que não deslumbra embaçada por uma nuance delicada, que não sabereis dizer se é leve palidez ou cor de rosa desmaiada. (GUIMARÃES, 1997, p.13).

No que se refere à literatura infantil e juvenil, ela limitou-se à temática tanto quanto, ou até mais, do que nas expressões advindas da literatura nacional adulta.

### **Building the way**

Somente na década de 80, com o lançamento dos Cadernos Negros<sup>5</sup>, surgem livros infantis com novas propostas, cujo objetivo central era romper com a visão estereotipada dos negros, valorizando as tradições de origem africana e também os aspectos físicos de sujeitos da raça. A obra *Luanda*, de Aroldo Campos e Osvaldo Faustino, é a primeira a apresentar uma heroína negra na literatura infantil e ela é a personagem principal na história. Outro exemplo é *Histórias da Preta*, de Heloisa Pires Lima (SILVA; SILVA, 2011).

Em 2003, é instituída a lei 10639/03<sup>6</sup>, que impõe o ensino obrigatório da História e da cultura afro-brasileira nos espaços literários. Após essa lei, debates significativos em torno do negro vêm acontecendo com maior frequência, motivando a área de produção de materiais didáticos e práticas pedagógicas que possibilitem reflexões democratizantes a propósito das relações raciais.

Autores como Rodrigo França (*O Pequeno Príncipe Preto*, 2020), Madu Costa (*Meninas Negras*, 2021), Bell Hooks (*Meu Crespo é de Rainha*, 2018), Patrícia Santana (*Minha Mãe é Negra Sim!*, 2018), Lázaro Ramos (*Sinto o que Sinto: E a incrível história de Asta e Jaser*, 2019) têm publicado livros infantis e juvenis na atualidade, contudo ainda não são tão conhecidos como autores que retratam a condição do branco, como Ruth Rocha, Ziraldo, Ligia Bojunga, Ricardo Azevedo, Ana Maria Machado e tantos outros. Embora talentosos e merecedores da posição que ora ocupam, cabe perguntar por que estes escritores ascendem com mais facilidade no mercado editorial infantil do que aqueles que centralizam suas obras na condição do negro e sua cultura.

### **A importância da biblioteca na Educação Básica**

A história da biblioteca escolar, no Brasil, tem suas origens nos colégios

---

<sup>5</sup> É uma série literária independente que veicula textos afro-brasileiros. A série foi concebida por jovens estudantes que acreditavam no poder de conscientização, sensibilização e acolhimento da literatura, e viam na poesia uma possibilidade de expressar e promover uma arte propriamente negra.

<sup>6</sup> O ensino de Literatura Afro-brasileira nas escolas a partir da implementação da Lei 10.639/2003, tornou-se um marco para a Educação, visto que nesse momento a Literatura se volta para uma nova perspectiva, a do Negro como integrante primordial da cultura brasileira. O êxito da Literatura Afro-brasileira no século XXI traz um (re) conhecimento do negro como autor de sua história e não um mero subordinado às classes dominantes. É nesse momento que se faz descobrir que existe uma literatura escrita por negros, porém, não se deve confundir, feita por escritores negros, mas não apenas para negros, visto que ao se tratar sobre a Literatura brasileira o negro não é posto como um dos principais, algo que com a Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003 foi reavaliado, a Literatura Afrodescendente se torna essencial aos ensinamentos curriculares de ensino.

### Building the way

religiosos, especialmente nos Jesuítas, que aqui foram sendo implantados, por volta de 1549. O objetivo era catequizar, por meio dessas obras, índios e instruir colonos (MORAES, 2006). Os textos ali presentes estavam impregnados da visão eurocêntrica e do espírito colonizador.

Só a partir de algumas reformas educacionais, ao longo do século XX, é que a biblioteca escolar alcança nova relevância. A década de 1930 foi decisiva para as ações no campo da biblioteca escolar (MORAES, 2006). SALA & MILITÃO (2017), destacam que "No âmbito nacional as reformas de ensino pautadas na Escola Nova realizadas por Fernando de Azevedo (1927-1930) e Anísio Teixeira (1931-1935), legitimaram a biblioteca escolar no sistema de ensino" (EGGERT-STEINDEL; FONSECA, 2010, p. 2 apud SALA & MILITÃO, 2017).

Sancionada em 24 de maio de 2010, a lei nº 12.244, traz em seu art. 1º que "As instituições de ensino públicas e privadas de todos os sistemas de ensino do país contarão com bibliotecas, nos termos desta Lei." Contudo, prestes a chegar ao prazo final de 10 anos, que estabelece universalização das bibliotecas em todas as escolas do Brasil sob os cuidados de um bibliotecário até 2020, nota-se que os avanços efetivos foram poucos. Muitas escolas públicas ainda não possuem uma biblioteca e, quando a tem, estas ficam grande parte do tempo fechadas e não contam com o bibliotecário como recomenda a lei (MORAES, 2006).

Quanto a esse espaço, é importante que seja um lugar interativo, confortável, silencioso e com um bom acervo de livros, adequados ao público alvo. A leitura fora da sala de aula, da rotina de sala, leva a criança a alcançar mais liberdade no contato com a leitura. Para que o aluno crie o hábito da leitura, tão necessário à sua formação, é fundamental que ele tenha contato com a biblioteca desde cedo. (ELY, 1988).

Nesses espaços, é necessário que se contemple toda diversidade étnico plural da sociedade, todavia, há poucos livros relacionados à temática negra em bibliotecas escolares tanto públicas como particulares. No que se refere às escolas particulares, tendo em vista as questões sociais nacionais, essas instituições possuem número menor de alunos negros matriculados em comparação a crianças brancas que, em decorrência do acervo presente nessas instituições, acabam não tendo sua cultura valorizada, pois, praticamente, não há materiais sobre a cultura negra nesses acervos. Muitas vezes, trata-se do assunto somente a partir do material didático, que

### Building the way

é restrito no que se refere à temática negra, quase sempre, a questões envolvendo a escravidão (BELLUZO, 2005).

As escolas públicas têm um público, proporcionalmente, muito maior de alunos negros quando comparado a escolas particulares. Embora isso ocorra, a situação não é muito diferente da escola particular. É escasso o material que contemple a cultura negro-brasileira. Nessas instituições, onde o negro é maioria, explorar as raízes étnicas desse grupo é essencial. Essas crianças já vêm com traumas de não ter sua cor valorizada. Por isso a necessidade da criança ter a sua autoestima trabalhada nesses ambientes. (BELLUZO, 2005).

A biblioteca precisa ser valorizada como espaço de acesso à cultura nacional, em suas múltiplas variantes (ELY, 1988). Todavia, não é incomum que esses espaços sejam usados como depósitos de materiais em desuso ou mantidos fechados, ou mesmo usados para outros fins (BELLUZO, 2005). É importante que o aluno tenha acesso livre à biblioteca. O aluno precisa ser motivado a frequentar esse espaço a fim de ter a autonomia de escolher livros que sejam do seu agrado, ter a opção de levar o livro para a casa e trazê-lo novamente, orientado a ter zelo com o livro (ELY, 1988).

A fim de ampliar o papel da biblioteca na educação escolar, o estado tem implementado projetos, como o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), que tem como objetivo promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura a discentes e professores, por meio da distribuição de obras literárias, de pesquisa e de referência, para facilitar ou mediar o processo de ensino aprendizagem. Para tal, é necessário que a Gestão Escolar desenvolva constantemente projetos voltados para a biblioteca escolar e que, de fato, abranja toda a comunidade escolar, para que haja compreensão da sua verdadeira função na escola (SILVA; MOREIRA, 2019), que é também evitar que a criança negra, negue-se perante o outro, pela invisibilidade da sua cultura nos materiais didáticos e no currículo escolar.

O bibliotecário, por sua vez, tem de ser pensado como mediador da cultura e da leitura. Ele possui a responsabilidade de delinear o caminho de acesso aos livros, fazendo a ponte entre os alunos e os livros. É fundamental à biblioteca ter um bibliotecário preparado. Para ser um mediador de leitura, é necessário que esse sujeito seja leitor, um "leitor sensível e perspicaz, que se deixa tocar pelos livros, que desfruta e que sonha em compartilhá-los com outras pessoas" (REYES, 2010, p. 56).

### **Building the way**

O bibliotecário é o responsável por estar atualizado em relação à circulação de obras e publicações, no que se refere a temáticas e gêneros.

Infelizmente, são muitas as fragilidades das bibliotecas escolares, seja em relação aos acervos, organização, espaço físico para atendimento, presença de bibliotecários, e ainda no que se refere à presença de literatura plural, que alcance toda a compleição racial do país (CAVALLEIRO, 2005).

### **Análise Metodológica**

A escola pública estadual, onde a pesquisa foi realizada, localiza-se no município de Linhares, município do Espírito Santo, em um bairro periférico, e atende alunos de faixas etárias variadas, de 11 a 18 anos, do Ensino Fundamental ao Médio. De acordo com a diretora escolar, a maior parte dos alunos provem de famílias assalariadas e de baixa renda, sendo a maioria delas atendidas por programas de reforço da renda, como o Auxílio Brasil.

A diretora afirmou ainda que, nos últimos meses, muitas famílias têm tido dificuldade para garantir produtos básicos à subsistência de sua prole, compartilhando com a escola essa situação. Desse modo, conclui-se que deve ser bastante limitada a aquisição de livros infantis e juvenis por essas famílias, sendo a escola o único espaço onde esses sujeitos poderiam ter acesso à literatura.

A instituição possui uma biblioteca, relativamente espaçosa, com mesas e cadeiras adequadas. Contudo, o ambiente não é frequentado por alunos, pois o espaço não possui bibliotecário há cerca de vinte anos, com isso, a escola não adota política de empréstimo de livros, pois não há profissional disponível para essa organização.

A gestão da escola não tem noção de quantos livros a biblioteca possui, haja vista não haver controle do acervo. A escola também não possui recursos para a compra de livros, ficando essa função a critério do Ministério da Educação, segundo a diretora. Porém, os livros mais recentes a serem enviados à escola não tratam da temática negra e a direção não soube afirmar quem escolheu os títulos dessas obras.

No momento da conversa com a gestora, a biblioteca encontrava-se ocupada por professores que organizavam seus planejamentos semanais. Tendo o espaço se transformado em uma continuidade da sala de planejamentos, a qual não

### Building the way

possui estrutura para comportar a quantidade de docentes da escola, segundo a gestora. Parte desse espaço também foi reservado aos professores de Educação Especial, que planejam suas aulas, atendem crianças e seus familiares assim como outras demandas de sua função, nesse espaço. Para tal, há estantes que dividem a biblioteca e procuram dar mais privacidade aos responsáveis pelos alunos com necessidades específicas.

30

Durante a pesquisa *in loco*, no acervo, após permissão da direção, concluiu-se que a absoluta maioria dos livros tratam de temáticas eurocêntricas, boa parte deles são de autoria estrangeira, e os nacionais limitam-se a questões priorizadas pelos sujeitos de ascendência europeia. Quando perguntado à diretora, a porcentagem de alunos negros matriculados na instituição, ela afirmou que havia cerca de 70% de alunos negros. Dito isso, é possível constatar que a biblioteca não possui um acervo significativo de obras da literatura negro brasileira, o que é contraditório quando se observa a procedência racial dos alunos matriculados na instituição.

A pesquisa nos acervos de livros mais antigos constatou que não há obras escritas por negros, exceto as de Machado de Assis e Lima Barreto, todavia esses textos não seriam ideais para o Ensino Fundamental e, mesmo esses autores, não escrevem a partir de uma expectativa afrocêntrica<sup>7</sup>. Nesse mesmo conjunto de acervos, há obras de Jorge Amado que, embora branco, traduz melhor a cultura negra no Brasil em sua obra, apesar de carregar nessas produções alguns estereótipos construídos sobre a raça, todavia seus textos também não seriam indicados ao público infantil. Obras de Monteiro Lobato, presentes nesse acervo mais antigo, seriam as únicas a tratar de personagens negras do ponto de vista da infância. Mas essas personagens estão imersas nas contradições em torno da obra do autor<sup>8</sup> muito discutidas nos últimos tempos.

Quanto aos livros mais recentes, foram encontradas três obras que tratam da temática: *Quissama, o império dos Capoeiras* (2014) de Maicon Tenfen, que narra a história do moleque Vitorino Quissama, que fugiu da senzala para procurar sua mãe desaparecida. Baseado nos manuscritos de Daniel Woodruff (1832-1910), *O Império dos Capoeiras*, reconstitui a saga de uma cidade dividida pela guerra secreta

<sup>7</sup> Forma de pensamento ou movimento político que coloca a África no centro da história humana.

<sup>8</sup> As obras de Monteiro Lobato têm sido apontadas como canais de discursos racistas, os quais estavam presentes em diversas produções do autor.

### Building the way

dos Nagoas e Guaiamuns.

Também *Os Brancos Sabem Dançar* (2018), de Kalaf Epalanga. Na obra, o autor viaja entre África e Europa, entre a música e a escrita, entre a periferia e o centro a fim de discutir os percursos que são sempre feitos na margem entre a invenção e a realidade. A outra obra é *Queria Brincar de Mudar Meu Destino* (2020), de Gilvã Mendes, que conta a história de um amor quase impossível entre um jovem e a poesia. O autor dessa obra é uma síntese de marginalidades: além de portador de deficiência física, é pobre, negro e nordestino.

Apenas essas três obras estão à disposição dos alunos e de professores, o que representa uma quantidade ínfima considerando que a escola atende mais de 1200 alunos em três turnos.

### **Análise das respostas docentes**

Quadro 1

<b>Quais os autores de obras negro brasileiras conhecidos por você?</b>
1. Josias Marinho, José Aguiar, Arlene Holanda e Fábio Simões
2. Lazaro Ramos, Sueli Carneiro e Elisa Lucinda
3. Ana Maria Machado, Reginado Prandi e Ziraldo

**Fonte:** As autoras, 2022

De acordo com a primeira questão respondida pelos professores, percebe-se que estes apresentam conhecimento limitado em relação a autores da literatura negro brasileira, principalmente os docentes 1 e 3. Inclusive, alguns autores citados não são negros, como Ziraldo, Ana Maria Machado, Reginado Prandi e Arlene Holanda. Lázaro Ramos, Sueli Carneiro e Elisa Lucinda são negros, têm propriedade para escrever sobre o negro, mas, infelizmente, suas obras literárias são pouco divulgadas e conhecidas. O autor negro ainda luta pelo seu espaço, e essa luta pode ser encarada com o apoio de professores de literatura, valorizando-se a leitura desses textos em sala de aula.

Se considerarmos que “Literatura é poder, poder de convencimento, de alimentar o imaginário, fonte inspiradora do pensamento e da ação” (CUTI, 2010, p. 12), e que em boa parte do cânone nacional o negro é posicionado em situação inferior ao branco, perceberemos o quanto a arte literária ainda “precisa de forte antídoto contra o racismo nela entranhado” (CUTI, 2010, p. 13). Esse antídoto passa pelo reconhecimento de sujeitos imersos na pluralidade cultural, responsáveis, desse modo, por canalizar esses saberes a outros sujeitos. Aos autores negros que

### Building the way

publicaram ao longo do século, a despeito dos enfrentamentos no campo literário, foi reservado o nicho da marginalidade.

Marginalidade compreendida como participação desigual e subalternizada no sistema social e literário, em sua forma produtiva (no que tange aos recursos), distributiva (enquanto acesso a um público) e de consumo (referente à recepção) dessas manifestações em seus respectivos sistemas culturais de atuação. (CUTI, 2010, p. 51)

32

Segundo Cuti, a despeito das dificuldades que autores negros enfrentam para publicar sua obra, essa literatura compõe uma vertente da literatura brasileira que traz em seu bojo um questionamento da organização social do país e um posicionamento oriundo de “uma subjetividade coletiva fundamentada no sujeito étnico do discurso” (CUTI, 2010, p.11), todavia, esses textos ainda não foram acolhidos pelo cânone, uma vez que esse ainda está imerso em valores marcadamente coloniais.

Quadro 2

<b>Você conhece a biblioteca da escola? Considera a biblioteca relevante na educação básica? Justifique sua resposta.</b>
1. Conheço, acredito que deveria ter uma organização que pudesse motivar os alunos a utilizá-la com mais frequência
2. Sim, conheço. A biblioteca escolar é muito relevante para a formação leitura dos educandos, pois é por meio da leitura literária que o aluno aprofunda sua visão acerca da realidade, aumenta a sua criticidade e amplia seus horizontes
3. A biblioteca escola conta um grande acervo de livros que podem ser usados para diversas atividades.

Fonte: As autoras, 2022

A biblioteca da escola pesquisada não possui organização de acervo, como também sistema de empréstimo de livros. Por isso, não há sistema de controle ou visita cotidiana de discentes no espaço. A resposta da docente 3 não condiz com a realidade da biblioteca, comprovada por meio de análise *in loco*, principalmente em relação aos livros da literatura negro brasileira. Não há livros suficientes para trabalhar com uma turma de trinta alunos, por exemplo. Muito menos obras que contemplem a diversidade racial nacional.

Os docentes 1 e 2 apresentam estar mais cientes da limitação do espaço da biblioteca da instituição em que trabalham e da importância desse espaço para a formação dos discentes. Contudo, as fragilidades do ambiente denotam o

### Building the way

desinteresse do estado pelo espaço e, conseqüentemente, pela imersão dos alunos no universo literário.

Como boa parte dos alunos dessa instituição são privados do consumo literário, em decorrência de situações sócio econômicas, a não inserção desses indivíduos, nesse ambiente, será, para muitos, a negação por completa do direito à literatura, como preconizou Cândido (1988).

33

Quadro 3

<b>A literatura negra brasileira está presente em suas aulas? Justifique sua resposta.</b>
1. Quase sempre.
2. De modo muito restrito, infelizmente. A biblioteca não possui obras do gênero e textos escritos por negros são raros em livros didáticos. Falta-me suporte.
3. Não, porém pretendo inseri-la.

Fonte: As autoras, 2022

De modo contraditório, a professora 1 afirma que a literatura negra brasileira está presente em suas aulas. A resposta pareceu estranha devido à docente parecer desconhecer na questão 1, autores desse gênero e mesmo a biblioteca não possuir robusto acervo acerca do assunto, embora ela possa utilizar-se de acervo digital para elaboração de suas aulas. Ainda há o fato de que os outros professores afirmarem que não o fazem e eles aparentemente planejam em conjunto as aulas.

Essa situação é fatal no que se refere à constituição de uma identidade negra nacional. Uma vez que a literatura constitui identidades coletivas, das quais decorre a superação do racismo, por exemplo. A literatura não só expressa como também organiza uma parte importante da consciência social do negro. Ao lado da política, da religião e outras formas de consciência, ela é uma “forma singular, privilegiada, de expressão e organização das condições e possibilidades da consciência do negro” (IANNI, 2014, p. 183)

Quadro 4

<b>A biblioteca da escola tem em seu acervo livros da literatura infantil negro brasileira? Exemplifique.</b>
1. Sim, com poucas opções.
2. Não possui livros sobre a temática, talvez uma ou outra unidade, nada mais do que isso.
3. Ainda não tive a oportunidade de verificar as obras sobre o tema.

Fonte: As autoras, 2022

Como citado anteriormente, entre os livros mais recentes da biblioteca, a pesquisadora identificou apenas três obras relacionadas ao tema negro brasileiro. Nos acervos mais antigos constatou que não há livros escritos por negros, exceto obras

### **Building the way**

de Machado de Assis e Lima Barreto, de vertente europeia. Essa falta de opções aparece concretizada nas falas dos docentes 1, 2 e 3.

O professor não conhece obras da literatura negra, muitas vezes por falta de interesse ou falta de acesso a esses livros, como se observa na declaração, ou por falta de formação pedagógica sobre o assunto (CAVALLEIRO, 2006). Assim, acaba-se ofertando aos alunos apenas aquilo que é mais viável. Se não tem uma busca e um interesse da parte do professor que ministra as aulas, os alunos terão o mesmo comportamento, e isso é prejudicial tanto na formação da consciência do aluno quanto na valorização cultural.

Os professores iniciam a construção de suas representações sociais ainda na sua formação inicial e continuam “construindo e reconstruindo seus saberes históricos e sociais ao longo de sua vida profissional, durante sua prática pedagógica com outros profissionais e com seus alunos” (OLIVEIRA, 2015, p. 804). Desse modo, seria importante a esses profissionais aumentar o interesse acerca de temas, sendo eles tão importantes ao seu fazer pedagógico (CAVALLEIRO, 2006).

### **Considerações finais**

Após a realização da pesquisa, pode-se concluir que a escassez da literatura negra brasileira nas escolas públicas, bem como o acesso restrito dos alunos à biblioteca priva os discentes de uma formação mais integral e que aborde aspectos culturais em sua formação.

A visita ao acervo da escola confirma que o espaço destinado à biblioteca é utilizado para outras tarefas, para armazenamento de materiais em desuso, para reuniões ou bate-papos de funcionários e professores. Sem sistema de empréstimos de livros, a biblioteca perde seu sentido, os livros se tornam objetos de decoração nesse espaço. A importância da leitura na formação do aluno é deixada de lado, embora a biblioteca seja essencial nesse processo e precisa receber o devido valor.

A escola não ter um bibliotecário há vinte anos é inaceitável, inclusive legalmente. Os livros adquiridos, enviados pelo MEC (Ministério da Educação), sem um levantamento do público matriculado na instituição, impede o aproveitamento dessas obras para questões mais relevantes. Nada resolve enviar centenas de livros à escola se eles não tiverem serventia àquele público.

O papel dos professores é imprescindível na luta e na valorização por

### Building the way

espaços como o da biblioteca, não só pelo espaço, mas pelo acervo bem composto, com obras relevantes, para esses alunos valorizarem sua cultura e enfrentarem os estereótipos. Na sala de aula, textos da literatura negra não têm sido explorados pelos professores de Língua Portuguesa, de modo relevante, seja por falta de material adequado, ou por restrito conhecimento dos professores em relação a esse gênero.

### REFERÊNCIAS

BARREIROS, Ruth Ceccon. *A literatura infantil afro-brasileira e a formação leitora no ensino fundamental*. UNIOESTE, 2009. Disponível em: [https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes\\_anteriores/anais17/txtcompletos/sem15/COLE\\_3659.pdf](https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem15/COLE_3659.pdf).

BELLUZZO, Regina Célia Baptista. Recursos humanos: debatedores. In: MACEDO, Neusa Dias de. (Org.). *Biblioteca escolar brasileira em debate: da memória profissional a um fórum virtual*. São Paulo: Senac: CRB-8, 2005. p. 339-349.

BRASIL. Ministério da Educação. *PNLD 2017: língua portuguesa – Ensino fundamental anos finais*. Brasília, MEC, 2016. Disponível em: <https://www.fn-de.gov.br/centrais-de-conteudos/publicacoes/category/125-guias?download=9923:pnld-2017-guia-lingua-portuguesa>. Acesso: 14 de março de 2018.

BROOKSHAW, David. *Raça e cor na literatura brasileira*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p.171-193. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/296648/mod\\_resource/content/1/Candido%20O%20Direito%20%c3%a0%20Literatura.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/296648/mod_resource/content/1/Candido%20O%20Direito%20%c3%a0%20Literatura.pdf). Acesso em 08 mar. 2021.

CAVALLE Discriminação Racial e pluralismo em Escolas Públicas da Cidade de São Paulo. In: SECAD/MEC. (Org.). *Educação Anti-Racista: Caminhos Abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*, 2005. Acesso em 08 mar. 2021.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil*. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

CUTI, Luis Carlos. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo (1990- 2004). *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. Brasília: n. 26, p. 13-71, 2005.

ELY, Neiva Helena. *Biblioteca escolar em escolas públicas estaduais 1. grau :um estudo sobre a atualização, adequação e utilização da coleção de livros*. 1988. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 1988.

**Building the way**

FERRARO, Alceu R. *História inacabada do analfabetismo no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2009.

GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. São Paulo: Editora Ática, 1997.

IANNI, Octavio. Literatura e consciência. In: DUARTE, Eduardo Assis; FONSECA, Maria Nazarrett. (Org.). *Literatura e Afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. 1ª Edição. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, v. 4.

MORAES, Rubens Borba de. *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*. 2. ed. Brasília, Briquet de Lemos, 2006.

NASCIMENTO, Abdias do. *O Quilombismo*. Petrópolis: Vozes, 1980. \_\_\_\_\_. *O Quilombismo*. São Paulo: Editora Perspectiva, Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

OLIVEIRA, F. C. M. de. Representações sociais de formadores de futuros professores de língua inglesa. In: *International Congress of Critical Applied Linguistics*. 2015.

PROENÇA FILHO, Domício. *Dionísio esfacelado: (Quilombo dos Palmares)*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1979.

SALA, Fabiana. *Silvio César Nunes Militão. BIBLIOTECA ESCOLAR NO BRASIL: ORIGEM E LEGISLAÇÃO NACIONAL EDUCACIONAL*, 2017. Disponível em : [http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24341\\_12048.pdf](http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24341_12048.pdf). Acesso em: 01 abr. 2022.

SILVA, Geina Nascimento; MOREIRA, Verônica Lima Carneiro. O papel da biblioteca escolar no processo de ensino-aprendizagem: importância da atuação do gestor. Trabalho apresentado no VI Congresso Nacional De Educação, [S.I.]: 2019. Disponível em: [https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO\\_EV127\\_MD1\\_SA17\\_ID649\\_19072019134748.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA17_ID649_19072019134748.pdf)>. Acesso em: 01 abr. 2022.

SILVA, Luciana Cunha Lauria da; SILVA, Katia Gomes. O negro na literatura infantojuvenil brasileira. [S.I.]: *Revista Thema*, v. 8, 2011.

SODRÉ, N. W. *História da literatura brasileira*. 7.ed. atual. São Paulo: DIFEL, 1982.